

# OBRAS de AFONSO ÁLVARES

AVTO DE S. ANTONIO.



\* AVTO DO BEMAVENTVRADO \*  
Senhor Sancto Antonio. Feyto por Affonso Alvarez, a pe-  
dimento dos muy honrados, & virtuosos Conegos  
de Sam Vicente. Muy contemplativo, & em  
partes muy gracioso, tirado de sua  
melhor vida.

Impresso com licença: Por Affonso Alvarez,  
Anno M. D. XCVIII.

AVTO DE S. BARBORA.



\* Obra da vida da beatissima S. Barbara Virgê & Martyr, \*  
filha de Diocleciano Gênio: Em a qual entrão as figuras seguintes,  
S. Barbara, tres Pedreiros, & Dioclecio Rey de S. Barbara,  
& hum Anjo dos Palleres, & Marciano, hum Alcaide hum ho-  
mem antigo. E entra logo Sancta Barbara em dois d'ouzelas,  
COM LICENÇA IMPRESSO. 95

AVTO DE  
SANCTIAGO.



\* AVTO DO BEMAVENTVRADO \*  
Sanctiago: Feyto por Affonso Alvarez, no qual entrão as figuras  
seguintes, Hum Moço, hu a Capella, Sanctiago, hum  
Roqueyro, hum Diabo em labo de Heretico,  
hum Anjo, hum Pallero, & S. xrandi, hum  
Heretico de nostra S. nidade.

Impresso com licença: Por Affonso Alvarez,  
Anno M. D. XCVIII.

AVTO DE  
SAM VICENTE.



\* AVTO DO BEMAVENTVRADO \*  
Senhor Sam Vicente: em o qual brevemente se contem  
a vida n'artyrio, & a foyza que teve com Daciano  
Rey dos Gencios. Agora novamente feyto  
per Affonso Alvarez.



## INTRODUÇÃO

Como para a maioria, ou mesmo a totalidade, dos autores portugueses quinhentistas que escreveram para teatro, o que se consegue reconstituir da biografia de Afonso Álvares resume-se a escassas linhas. Pouco ou nada se tem adiantado às informações biográficas fornecidas por Diogo Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana*, I (1741), nos verbetes referentes ao autor:

Foi um dos mais estimados criados que teve em sua numerosa família o ilustríssimo Bispo de Évora D. Afonso de Portugal, de quem em seu lugar faremos ilustre memória. Foi dotado de um génio fácil para a Poesia, principalmente na composição de autos na língua Portuguesa, que várias vezes se representaram no Teatro com geral aclamação dos espectadores, dos quais muitos saíram à luz pública, como foram:

*Auto de Santo António feito a pedimento dos muy honrados, e virtuosos Conegos de São Vicente: muy contemplativo, em partes muy gracioso, tirado da sua mesma vida.* Lisboa por Vicente Álvares. 1613. 4. & ibi por António Alvres 1639. 4. Évora por Franc. Simões. 1615. 4. e Lisboa por Doming. Carn. 1659. 4.

*Auto de S. Tiago Apostolo.* Lisboa por António Álvares. 1639. 4.

*Auto de Santa Bárbara Virg. e Mart.* Lisboa por Vicente Alvres. 1613. 4. e Évora por Franc. Simões. 1615. 4.

*Auto de S. Vicente Martyr.* Proibido pelo Expurgatório dos livros feito por ordem do Inquisidor Geral Fernão Martins Mascarenhas Part. 3. letr. A.

*Resposta feita a huma petição que fez Antonio Ribeiro Chiado ao Comissario Geral de S. Francisco.* Lisboa por António Álvres, 1602. 4.

e a António Ribeiro Chiado:

*Quintilhas a Affonso Alvares mulato, que enfinava em Lisboa a ler, e escrever.*

Começa

*Affonso Alvres amigo.*

*Outras ao mefmo caçando com a filha de hum Albardeiro chamado Pedro Rombo* Começa.

*Tomaste o fogro rombo*

Outras ao mesmo que Começa.

*Quem vive sempre às escuras.*

E outras.

*Caõ fora voffa mercé.*

Estas obras do Chiado encontram-se, por esta mesma ordem, no códice 51-II-24 da Biblioteca da Ajuda (algumas inéditas até hoje, omissas no códice CXII / 1-37 da Biblioteca Pública de Évora), o que me leva a pensar que Barbosa Machado se limitou a copiar as rubricas das trovas, tal como se encontram neste códice e se transcrevem nas pp. 245-257 do presente volume. É de salientar que o bibliófilo não indica a localização de exemplares ou cópias destas composições, ao contrário do que faz para todas as outras do mesmo autor. Não descubro, no entanto, a fonte da informação sobre a relação de Afonso Álvares com D. Afonso de Portugal, bispo de Évora. Pode não ser descabida a hipótese de a proteção episcopal se manifestar nas encomendas de teatro que os frades do Mosteiro de São Vicente lhe fizeram, os autos de *Santo António* e de *Sam Vicente*, como também sugere Justino Mendes de Almeida (1994: 48), uma vez que a imprensa daquele mosteiro imprimia obras do bispo <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1922, p. 46) dá o poeta como filho do bispo. T. F. Earle em «Black Africans versus Jews» (2005, p. 347) re-

A troca de correspondência poética satírica entre Afonso Álvares e António Ribeiro Chiado tem sido fonte de especulação sobre a ascendência de ambos. Alberto Pimentel (1889), Teófilo Braga (1898) e todos os outros investigadores, passando por Almeida Lucas (1948) até, mais recentemente, T. F. Earle (2005), aceitam as informações registadas nesses versos, lendo-os literalmente. Contudo, a única certeza que se pode ter a partir da leitura dos manuscritos é a de que este poeta é mulato, uma vez que ambos os disputadores referem a cor da pele de Afonso Álvares, para além de ser indicada em rubrica. Dele diz ainda o Chiado nas trovas encabeçadas *Outras do mesmo para Afonso Álvares: tua mãe esteve em forno \ e tão boçal, que m'estou rindo \ como sofres tal sojorno* (VII, vv. 147-149). Estes versos têm sido interpretados como referência à actividade de padeira, ou forneira, da mãe de Afonso Álvares. Mas se o Chiado era, como parece indicar a repetida alusão de Afonso Álvares, filho de regateira e de sapateiro, não creio que isso o pusesse «em vantagem» numa disputa genealógica<sup>2</sup>. No entanto, pouca atenção tem sido dada ao verso *Olhai que passais de velho* (III, v. 6). Por que não lê-lo também literalmente como «de idade avançada», se esse foi o procedimento adoptado para os restantes versos de cariz supostamente biográfico? Aliás, Afonso Álvares responde na mesma moeda: *Mas tu que velhaco velho* (IV, v. 16). Pode, no entan-

---

fere o «lapso» da investigadora vendo alusão a essa hipotética paternidade nos versos *Que a nobreza que me vem \ da parte superior* (X, vv. 117-118). Acrescento que a mesma leitura se pode fazer dos vv. 107-110 da mesma composição:

Que se me tocas na cor  
nunca outro mal me digas  
mormente **com essas ligas**  
**me deu Deos honra e favor**

A expressão *tem natural* recorrente na composição IX do Chiado parece assumir contornos semânticos pejorativos, que à luz desta conjectura permite ler *filho natural*.

<sup>2</sup> As condições sócio-económicas destes grupos profissionais parecem ser idênticas; no regimento da procissão do Corpus Christi de 1621, os oficiais da câmara do Porto conferiam às regateiras e às padeiras as mesmas obrigações.

to, tratar-se de troca de insultos que pouco tenham que ver com a realidade. Basta lembrar as biografias paródicas que Gil Vicente faz de si próprio ou os lançamentos de pulhas entre dois antagonistas que se encontram em diversos textos de teatro quinhentista, como, a título de exemplos balizadores, no *Auto da Bela Menina*, de Sebastião Pires, e na *Comédia da Pastora Alfea*, de Simão Machado <sup>3</sup>.

Em boa verdade, e tendo em conta a profusão de homónimos que circulavam, e circulam, por Portugal, nada há de concreto que faça coincidir o autor dos autos com o autor da polémica com o Chiado <sup>4</sup>, e até com um possível terceiro, ou mesmo quarto. Encontrei em duas cartas de Afonso de Albuquerque, enviadas de Cochim a João Froles, almoxarife dos mantimentos da fortaleza de Cochim, datadas, respectivamente, de 20 de Junho de 1512 e de 16 de Julho do mesmo ano, as seguintes ordens: *mando que dês pera dezasseis moços cristãos-novos da terra que ora mando ensinar a ler, pera cada oito dias um fardo de arroz, pera seu mantimento, o qual entregarês a Afonso Álvares que os ditos moços insina, e contarês da feitura deste em diante, que lhos ditos moços dei pera os ensinar [...] mando que dês Afonso Álvares, casado, que ora insina os moços cristãos-novos de Cochim a ler, meio fardo mais d'arroz, além de um fardo que lhe dês pera esmola dos moços pobres que insina a ler, o qual se contará da feitura deste em diante* <sup>5</sup>. Numa lista da Cristandade de Cochim, em 20 de Dezembro de 1514, figura uma *Caterina Alvares, guazarate, molher de Afonso Alvarez* <sup>6</sup>.

Não deixa de ser coincidência interessante a existência de dois Afonsos Álvares que, sensivelmente na mesma época, ensinam moços a ler, um em Lisboa e outro em Cochim. Por que não

---

<sup>3</sup> O «género» parece ter subsistido, e nos meados de 2006, basta ligarmos um televisor para nos surpreendermos com a mensagem proposta por uma companhia operadora de telemóveis que promove a troca de insultos entre os seus assinantes (por coincidência, o anúncio apresentado refere uma mãe).

<sup>4</sup> T. F. Earle (2005) formula hipótese semelhante.

<sup>5</sup> ANTT, CC, II, 70-59 e 120. Publicadas em *Cartas de Afonso de Albuquerque*, VII, p. 191, e em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, I (col. e anot. por António da Silva Rego), Lisboa, Fundação Oriente/CNCDP, 1991, pp. 159-160.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 232-239.

pensar que em determinada altura da vida Afonso Álvares regressou de Cochim a Lisboa? Pelas partes da Índia andaram possivelmente outros Afonsos Álvares, referidos por Fernão Lopes de Castanheda (I, p. 142; II, p. 580), um como pertencente à nau de Duarte Pacheco, que ficou em Cochim quando o capitão foi a Cambalão, em 1504, e outro (ou o mesmo) como capitão de um bergantim da armada de Diogo da Silveira contra Mangalor, em 1530<sup>7</sup>. Por coincidência, ou não, é nas armadas da Índia, dos anos de 1507 e 1508, que se encontra um Pero Cão (morto em Fevereiro de 1509), mencionado por Castanheda e por Gaspar Correia<sup>8</sup>, homónimo do referido no *Auto de Sam Vicente* (v. 397) como idóneo para o exercício da função de jurado de almotaxaria.

António Caetano de Sousa, na *História Genealógica da Casa Real* (*Provas*, tomo VI, parte II, p. 330), na lista que apresenta dos moradores da casa de D. João III, insere um Afonso Álvares com moradia de 15 000 réis. Noutro local (*Provas*, tomo II, parte II, p. 240), o mesmo autor indica os moradores da casa do infante D. Duarte, referindo que um *Affonso Álvares deluas não ha de haver moradia nem casamento*, o que, tendo em conta a proximidade entre Arronches e Elvas, poderia relacionar-se com a invectiva de António Ribeiro Chiado: *Eu te vi já em Arronches \ ser cativo de um Siqueira [...] Se te quisermos buscar \ tua carta de alforria \ inda tu hoje em dia \ te não puderas casar \ se fora por outra via* (VII, vv. 190-191; 195-199). Ainda sobre o casamento de Afonso Álvares, resta a rubrica das trovas atrás referidas *Do Chiado ao mesmo mulato porque casou com a filha de Pedro Rombo*<sup>9</sup>, *albardeiro em Lisboa*. A este rol de homónimos

---

<sup>7</sup> *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1979.

<sup>8</sup> *Lendas da Índia*, introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1979 (4 vols.), e *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, leitura, introdução, notas e índice por José Pereira da Costa, Academia das Ciências de Lisboa, 1992.

<sup>9</sup> Foi infrutífera a minha busca de sujeitos com este nome, se é que de um nome se trata e não de um adjectivo nominalizado. Só conheço o professor de gramática da Universidade de Lisboa (m. 1533), editor e comentador da chamada *Gramática de Pastrana*, junto da qual a sua obra anda impressa nas edições de 1497, 1512 e 1513 (*Matarium editio ex baculo cecorū a petro rombo in artibus baccalario breuiter...*), alvo de crítica do gramático

consideráveis haverá ainda a acrescentar, pelo menos, o arquitecto régio do tempo de D. João III que andou, por caprichosa coincidência, ligado às obras no Mosteiro de São Vicente de Fora, e o possível financiador da *agoa dandaluzes*<sup>10</sup>. Deixo de fora muitos outros atestados, desde pedreiros e batifolhas, que serviram nas obras que D. Manuel I mandou executar no Paço de Sintra, até cutileiros de Lisboa<sup>11</sup>.

Nos autos, a matéria autobiográfica explícita é inexistente, a não ser que se leia a actividade de mestre-escola que ensina moços irrequietos nos versos do Cidadão representador do *Auto de Sam Vicente*:

Mormente que **o autor**  
se desculpa em ocupado  
dizendo que **é pastor**  
de um tam terrível gado  
que nam é de si senhor.

Vv. 208-212.

---

Estêvão Cavaleiro, detractor da obra de Pastrana e seus seguidores (*vd.* Américo da Costa Ramalho, «Um capítulo da história do humanismo em Portugal: o 'prologus' de Estêvão Cavaleiro», in *Estudos sobre o Século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1980, pp. 125-151). Não me parece que seja o albardeiro de Lisboa.

<sup>10</sup> Sobre o *lançamento do dinheyro para a agoa de andaluz*, escrevem Pedro Castello Branco, João Fogaça e Francisco Lopes Correia ao rei D. Manuel, em 1513: *vossa Alteza ouver por bem que seião requeridas alguas pessoas particulares a saber como Bartolomeu e João Teixeira e Christovam deano e outros deste qualidade que nesta cidade ganham muito dinheyro e asy alguns cristãos novos mercadores asy como mestre Fellipe e mestre Thomas e Affonso Alvares e outros desta sorte que hia nesta cidade que todos são homens ricos e abastados e nobres*, in *Livro de Reis. Livro II de D. Manuel*, doc. 82, 14v-16v, Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, *apud* Helder Carita, *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, p. 229.

<sup>11</sup> João Franco Barreto, na sua *Biblioteca Lusitana* (vol. I, 139 v.), identifica o autor dos autos com Afonso Álvares Guerreiro: *Afonso Álvares Guerreiro compos diversos autos q̃; imprimio, e entre elles o de Santiaago*. Deve tratar-se de uma confusão, apesar de os dados cronológicos que Barbosa Machado fornece sobre este autor poderem ser síncronos com os de Afonso Álvares.



Afonso Álvares é, pois, para os leitores do século XXI, apenas um autor engavetado pelos historiadores de teatro na *escola vicentina*, cuja produção se resume a quatro autos com títulos de santos e a pouco mais de 350 versos numa querela com o Chiado, aceitando a coincidência dos autores.

Se pensarmos na exiguidade da produção teatral portuguesa no século XVI, na conta de Barbosa Machado quatro são realmente *muitos*. Depois de Gil Vicente, com cerca de cinquenta textos para teatro, Afonso Álvares é, *ex aequo* com Baltasar Dias, o quarto autor dramático mais profícuo, sendo a sua produção apenas ultrapassada pela de António Prestes, com sete, e pela do Chiado, que o ultrapassa com um auto perdido<sup>12</sup>.

Entre perdidos e achados, os títulos do teatro hagiográfico quinhentista em Portugal pouco ultrapassam a dezena. E, dentro do género, Afonso Álvares é o autor mais produtivo. Seguem-se-lhe Baltasar Dias com os seus *Auto de Santa Caterina* e *Auto de Santo Aleixo*, Francisco Costa com a *Conversão de Santo Agostinho* e o *Passo do Glorioso e Xeráfico São Francisco*, o canário José de Anchieta com as suas *Onze Mil Virgens*, em que glorifica santa Úrsula na língua portuguesa, e Fernão Mendes com o *Auto do Nascimento de Sam João e Visitação de Santa Isabel*. Perdidos andam o *Auto de Santo Alexo*, de Sebastião Pires, provavelmente o autor de *Bela Menina*, e o *Auto da Vida de Sam Roque*, de João Vaz, de que se conhecem, por via indirecta, os respectivos primeiros versos<sup>13</sup>. Nos repertórios bibliográficos portugueses

---

<sup>12</sup> Para além dos conhecidos *Compadres*, *Oito Feguras*, *Regateiras* e *Natural Invenção*, os repertórios bibliográficos registam ainda um *Auto de Gonçalo Chambão* com edições nos princípios do século XVII de que se não conhece nenhum exemplar.

<sup>13</sup> As notícias destes textos encontram-se no *Abecedarium B* da Biblioteca de Hernando Colón, col. 959 (*Jo. Vaaz. auto de la vida de san roque en coplas portuguesas. 15172. lx. 1533*) e col. 159 (*Affenta muy bem ahy essa mesa festiual. 15172*); col. 1609 (*Sebastiani perez auto de fantalexo en coplas portuguesas 15171.*) e col. 213 (*Bento e glorificado feja o deos criador pois. 15171*). Os números sublinhados remetem para a ordem que os títulos teriam num dos volumes do *Registrum*, onde seriam descritos, e de que apenas resta um tomo A que não compreende estes números e um tomo B que regista os livros adquiridos por aquele bibliófilo até 1530, não abarcando, portanto, o ano de 1533.



mencionam-se ainda uma *Comédia de Santo António*, de Clemente Lopes, um *Auto de Sam Brás*, de Pedro Vaz de Quintanilha, um *Auto de Santa Maria Madalena*, de António Pires Gonge, o *Auto do Pranto da Madalena* e o *Auto do Pranto de São Pedro*, por Brás de Resende, uma *Degolação de São João Baptista*, de António Prestes, e um anónimo *Diálogo do Martírio de Sam Sebastião*.

A história editorial dos autos reflecte o sucesso que as representações do teatro de Afonso Álvares souberam inscrever no tempo, com um certo equilíbrio: 50% (*Auto de Santo António*<sup>14</sup> e *Auto de Santa Bárbara*) da sua produção continuava activa no século xx, tendo apenas 25% (*Auto de Santa Bárbara*) sobrevivido neste início do xxi, sendo representado, com regularidade, no Norte de Portugal<sup>15</sup>. Estes dois textos nunca deixaram de ser reimpressos ao longo dos tempos, tendo alcançado um invulgar número de edições, sobretudo nos séculos xvii e xviii, ao contrário do que acontece com os outros dois autos (*Santiago* e *Sam Vicente*), que conheceram um intervalo de cerca de quatrocentos anos entre as edições quinhentistas e as posteriores (apenas uma para cada um: *Auto de Sam Vicente* por I. S. Révah, em 1951, e *Auto de Santiago* por Juan M. Carrasco González, em 2002), não sendo sequer possível encontrar na censura inquisitorial, que incidia mais sobre aspectos formais do que de fé, uma justificação para o abandono, já que o *Auto de Santo António* também viu um número inteiro cortado pelo índice expurgatório de 1624<sup>16</sup> (a ressurreição do me-

---

<sup>14</sup> Este auto é o único que apresenta, desde a primeira edição, o argumento extenso, no verso da portada, antes de começar a obra, o que implica já um tratamento privilegiado para a leitura.

<sup>15</sup> Para as Grandes Festas de Lisboa em Junho de 1934, Gustavo de Matos Sequeira compôs uma *Interpretação das personagens quinhentistas do «auto» de Afonso Álvares, acrescentadas estas e transformado e ampliado o texto em versos novos* que Amélia Rey Colaço fez representar no adro da Sé Catedral de Lisboa, voltando a ser representado no Estoril nas Festas de Santo António de 1964. Em 2004, no âmbito das comemorações dos 1700 anos do martírio de São Vicente, promovidas pela diocese de Lisboa, esteve programada uma representação do auto de Afonso Álvares, que não chegou a realizar-se.

<sup>16</sup> *Index autorem danatae memoriae tum etiam librorum qui uel simpliciter uel adexpurgatione usque prohibentur vel denigriam expurgati permittuntur*. Editus auctoritate Illmi. Domini D. Ferdinandi Martins Mascaregnas Algarbiorum Episcopi Regii Status Consilliarium ac regnorum

nino afogado), sem ter deixado, por isso, de ser frequentemente impresso com essa amputação. O *Auto de Santa Bárbara*, apesar de no mesmo índice se mandar cortar o baptismo em cena, continuou a ser impresso na íntegra. O censor de 1624 ignora o *Auto de Santiago*, ou por desconhecer totalmente a sua existência (não há notícia de edições contemporâneas das dos outros autos referidos no catálogo<sup>17</sup>), ou por não encontrar nele nada de censurável:

No seu *Auto de S. António*, impresso em Lisboa, ano 1613, por Vicente Alvarez, ou em Évora, em casa de Francisco Simões, ano 1615 fol. 5. p. 2, col. 2, se risquem as palavras, *Pezar de São Sadornino*, no dito de Santanás. E, na última folha do mesmo auto, se risque, *Alevante-se o menino morto*, até as palavras, *Não me hei-de apartar*, inc.

No *Auto de S. Barbara*, impresso em Lisboa por Vicente Alvarez, ano 1613, ou em Évora na Oficina de Francisco Simões, ano 1615, se advirta que se não há-de representar o baptismo da Santa, e se hão-de riscar na fol. 3, p. 1, col. 1 as palavras seguintes, *Baptizar-se-á S. Barbora, e cantaram em louvor de Deus um mote*.

No *Auto de S. Vicente*, no título se risque *Rei dos gentios* e diga *Presidente romano*. E, na volta, lin. 3, se risque também *Rei dos Gentios*. E na lin. 8, onde se diz *Daciano Rei* se risque *Rei*, e ponha-se *Presidente do Emperador Diocleciano*.

---

Lusitaniae Inquisitoris Generalis. Et in partes tres distributus quae proxime sequenti pagella explicata consentur. De Consilio Supremi Sena Tus Stae. Generalis Inquisitionis Lusitaniae. Ulissp. cusa cul. Exofficina Petri Craesbeck. 1624.

<sup>17</sup> Quer o índice quer Barbosa Machado desconheciam as edições quinhentistas do *Auto de Santa Bárbara*, do *Auto de Santo António* e do *Auto de Santiago*, não figurando deste último qualquer edição na lista de 1624, ou por ignorância ou por se considerar isento de censura. Barbosa Machado, por outro lado, dá conta de uma edição, de 1639, de que até hoje se não encontrou nenhum exemplar. Estou convencido de que Barbosa Machado não tem à vista os objectos que descreve e que inventaria. A sua fonte parece ser, como aliás chega a referir, o índice de livros proibidos de 1624, uma vez que as informações editoriais que fornece se encontram na terceira parte desse catálogo, o *Expurgatório*, nada acrescentando a elas.

No fol. 6 p. 1 em o fim da col. 2, no dito de Narquinto se risque *a um rei tão soberano*, até *sagrado romano* inclus.

Na p. 2 da mesma fol. 6, em o dito de Bravisco, se risque de *nuestros Dioses* até *de mui alto merecer*.

O dito de Narquinto que imediatamente se segue, risque-se tudo das palavras *porque ellos* até *y en esto vos condenais* inclus.

Na folha 7, p. 1 se risquem aquelas palavras *com que a morte padeceu* que estão no dito do bispo.

Na mesma folha 7, p. 2, onde diz, *Vai-se o bispo e vem o Pontífice Daciano* se risque a palavra *Pontífice* e ponha-se a palavra *Presidente*.

Na folha 9 p. 1 col. 2 onde diz *Al grande rei Daciano* diga-se *Al Presidente Daciano*.

E mais abaixo na dita coluna, em o pregão, se risquem as palavras *Rei dos Gentios* e diga *Presidente do Emperador Diocleciano*.

Quanto ao estudo dos autos, o panorama é mais desolador, ainda que, à primeira vista, a bibliografia crítica sobre este autor possa parecer abundante (cf. «Bibliografia», pp. 298-302). Quase todos os títulos ali indexados se resumem a pequenas notícias em paráfrase do que Teófilo Braga e Alberto Pimentel avançaram, à excepção de Maria Idalina Resina Rodrigues, que tem visitado, de forma regular e sábia, a obra do autor, de T. F. Earle, que, muito recentemente, dedicou um artigo ao *Auto de Sam Vicente*, e dos editores dos autos nos séculos xx e xxi.

Os títulos seguem um paradigma, *Auto de \_\_\_\_\_*, comum a outros autores nacionais e estrangeiros, que corresponde à apresentação de episódios da vida de cada santo titular do auto, que podem ir desde a sua conversão até ao martírio, passando pela realização de um ou outro milagre.

Gil Vicente é tido como precursor deste género, com o seu exíguo *Auto de São Martinho*, composto para integrar a procissão do Corpo de Deus de 1504 nas Caldas da Rainha. Esta circunstância afasta-o dos de Afonso Álvares, e de todos os outros conhecidos, uma vez que nenhum deles, que se saiba, foi concebido para integrar a procissão do Corpus Christi. Apenas o *Auto de Santiago* mantém alguma afinidade com o auto caldense de

Gil Vicente, pelo facto de ambos se centrarem num episódio milagroso do santo em questão, com a particularidade de, no primeiro, tal ocorrer *post mortem*, como assinala Maria Idalina Resina Rodrigues (1993, 1999)<sup>18</sup>. O título *Auto de Santiago* é, portanto, despistante, uma vez que, sobre o santo, apenas se apresenta uma intercessão depois de morto. Causas e efeitos da morte são, aliás, parte importante do espectáculo martiriológico. Em dois autos de Afonso Álvares (*Auto de Santa Bárbara* e *Auto de Sam Vicente*) o espectador tem a oportunidade de assistir à exibição dos cadáveres dos protagonistas (a morte ocorre em *off*). O corpo de santo António, talvez pelo facto de não ter sido submetido a martírio, não é motivo de interesse teatral, terminando o seu auto com o santo ainda em plena juventude.

## *Tempos e modos*

O *Auto de Sam Vicente* e o *Auto de Santo António* encenam dois tempos, o dos santos e o do autor, utilizando estruturas teatrais já fixadas e empregues também por outros autores, entre os quais Gil Vicente. O espectáculo comporta dois ou três momentos: a representação (exposição do que há-de vir), um entremez e o auto. O nome «representação» pode ser equivalente ao que em determinado momento da história do teatro se convencionou chamar prólogo, aquilo que antecede o auto. E é deste nome «representação» que deriva o nome «representador», designativo daquele que faz a representação, ou seja, a apresentação do auto, sinónimo de argumentador. O entremez pode não ter, e arrisco-me a dizer que não deve ter, ligação com o que se segue, ou seja, pode servir para vários autos<sup>19</sup>. Não tem obriga-

---

<sup>18</sup> Mais original é a intervenção *ante natal* de São João Baptista quando, ainda no ventre da mãe, se exprime em adoração de Cristo, também ainda por nascer, no *Auto do Nascimento de Sam João e Visitação de Santa Isabel*, de Fernão Mendes.

<sup>19</sup> Isto mesmo leio na frase de Miguel de Cervantes quando descreve o teatro no tempo de Lope de Rueda, no «Prólogo al Lector» de *Ocho Comedias y Entremeses* (Madrid, 1615): *Las comedias eran unos coloquios, como élogos, entre dos o tres pastores y alguna pastora; aderezábanlas y*

toriamente uma relação de contiguidade semântica com o auto que se lhe segue. Do que conheço, o entremez é sempre de actualidade, como se pode verificar no caso destes dois autos, pois referem o dia da representação: *tomo-vos pera tanger \ na festa de sant'António* (S. A., vv. 53-54), *E porque agora este dia \ é do senhor sam Vicente* (S. V., vv. 469-470), se bem que neste último caso possam subsistir dúvidas quanto ao dia que se celebra. Lisboa homenageava o santo em dois dias do ano: 22 de Janeiro (por vezes a 29), dia da procissão em honra do santo, e 16 de Setembro, dia da procissão que celebrava a trasladação das relíquias para Lisboa <sup>20</sup>.

Para além do tempo, no *Auto de Santo António* também o espaço de representação, o Mosteiro de São Vicente de Fora, cujos frades encomendaram ambos os autos, é referido pelo representador:

E porque naquesta ergueja  
está sua mãe sepultada  
é muito bem que assi seja

Vv. 93-95. <sup>21</sup>

---

***dilatábanlas con dos o tres entremeses, ya de negra, ya de rufián, ya de bobo y ya de vizcaíno: que todas estas quatro figuras y otras muchas hacía el tal Lope con la mayor excelencia y propiedad que pudiera imaginarse.***

<sup>20</sup> Também no *Auto de Santa Bárbara* se poderá considerar o primeiro número dos pastores como um entremez se nele se referir, realmente, o dia em que se está, uma vez que o diálogo é excursão à acção. Exclama um dos pastores: *Que no puedo imaginar \ que fiesta es la de hoy*, e responde, perguntando, o outro: *no sabes que es san Eloy?* O dia de santo Elói celebra-se a 1 de Dezembro e o de santa Bárbara celebrava-se a 4 de Dezembro, antes de ter sido excluída do calendário litúrgico por Paulo VI, em 5 de Maio de 1969. Creio que a contiguidade temporal não é mera coincidência.

<sup>21</sup> Na Igreja, existem actualmente, num altar contíguo à capela de Santo António, duas lápides, uma do lado da Epístola, com a inscrição *aqui estão os ossos da mãe de santo António*, e outra, uma pedra tumular, sob o altar, em que se lê: *Aqui jaz: o côpo; da mad<sup>e</sup> d Sto António: q naceo u ora he a cam<sup>a</sup> e esta cidade: o ql foi aq traladado p mādado d Dô: J.º Bpo d Viseu: Ano d Noso S<sup>or</sup> Jhu X.º d Mil IIIILiii*. Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano dos Santos e Varões Ilustres em Virtude de Portugal e Suas Conquistas*, III, Lisboa, António Craesbeeck de Mello, 1666, dá conta de na capela de santo António existir uma inscrição que pode atestar a trasladação para lá, vinda de São Mamede, do corpo da mãe de santo António, ordenada em 1431 por

Durante o auto continuam as referências ao Mosteiro, uma vez que a história contada permite a coincidência entre o espaço da representação e o espaço representado. Conversam o Pai e a Mãe de santo António:

MOLHER E onde se quer meter?  
MARIDO Em Sam Vicente de Fora.

Vv. 194-195.

Informa o Diabo quando entra em cena:

Eu venho cá pera ver  
quem é este cavaleiro  
que entrou neste moesteiro

Vv. 494-496.

Vós fostes muito lampeiro  
com cabecinha prudente  
meter-vos neste moesteiro  
pera serdes companheiro  
do mártire sam Vicente

Vv. 516-520.

---

D. João, bispo de Viseu: *Hic situm est cadaver matris D. Antonii, qui in eadem domo fuit in lucem editus, in qua nunc Vrbis comitia geruntur. Fuit huc trãslatum studio D. Joannis Visensis Episcopi anno Dñi N Jesu Christi 1431*, o que evidencia uma discrepância de vinte e dois anos. Em 25 de Julho de 1525, D. João III escreve à Câmara de Lisboa (Livro I do Provimto da Saúde, f. 101v): *Quanto ao que dizees que achastes ora novamente, que o pay e may de samto amt.º eram emterrados em sam vte, e hy tinham suas sepulturas em huua capella, a quall soubestes que era dada a allu.º gentil, e que ffez nella obra como sua, e dos deffumtos se nom teue memoria, e vos parecia beem serem trelladados a capela de samto amt.º pellos respeitos que dizes; e q̃, queremdo ffaer, os conegos e prioll ho nõ q̃rem cõsentir, e que mandasse ao bpõ que dese pª yso luguar, amtes q̃ niso mãde cousa allguãa ffolguarey de me escrepuerdes a certidam que temdes de aly seer a sepultura dos sobre ditos pay e may de santo amt.º, e o que achatees pª diso serdes certos, e porque escripturas, ou quallq̃r outª certidam que diso tinhaeis; e escrpueymo lloguo e muyto declaradamemte, pª loguo vos responder o que ouuer pª bem q̃ niso façaees.*

Também a mulher que perdeu o filho diz conseguir arranjar quem dê aval à opinião que tem do marido:

que dentro neste moesteiro  
vos darei por testemunha  
Álvaro Dias porteiro.

Vv. 854-856.

E, apesar de o auto ser sobre santo António, o santo hospedeiro é destinatário de louvores múltiplos, quer do próprio António, quando troca o hábito agostinho pelo franciscano:

E posto que ausente  
me ache de casa do senhor sam Vicente  
eu tenho nele tam grão devação  
que sempre o terei no meu coração  
com grande fé e amor mui fervente.

Vv. 464-468.

quer do menino ressuscitado:

E mais vi um santo  
posto de giolhos rogando-lhe tanto  
o que quer que era nam sei certamente  
mas soube que era o senhor sam Vicente  
que é nosso emparo e é nosso manto  
verdadeiramente.

Vv. 932-937.

Se quanto aos dias do ano em que estes dois autos foram representados é possível conjecturar com alguma margem de certeza, já quanto aos anos em que tal aconteceu pela primeira vez a matéria textual pode não ser de tão imediata leitura. Presentes nos dois textos parecem estar tremor de terra e peste. No *Auto de Santo António*, o representador Gonçalo Macho refere a



## ÍNDICE

Introdução, por JOSÉ CAMÕES .....	7
<i>Nota de edição</i> .....	33

### AUTOS

AUTO DE SANTO ANTÓNIO .....	39
AUTO DE SANTA BÁRBORA .....	75
AUTO DE SANTIAGO .....	123
AUTO DE SAM VICENTE .....	153

### TROVAS

I O Chiado foi frade de São Francisco em Lisboa. ... ( <i>Ne recorderis peccata</i> ) .....	201
II Afons'Álvares, mulato, poeta, em nome do guardião responde ao Chiado preso ( <i>Ne recorderis peccata</i> ).....	205
III Outras do Chiado a Afons'Álvares em resposta ( <i>Afonso Álvares amigo</i> ) .....	211
IV Outras de Afons'Álvares em resposta ao Chiado, e começam na maneira seguinte ( <i>Reverendo frei Chiado</i> ) .....	215
V Seguem-se outras do Chiado, em resposta ( <i>Quão fora vossa mercê</i> ) .....	219
VI Outras suas porque lhe disseram que Afons'Álvares fazia outras em que lhe punha as mãos ( <i>Per rogativa vos peço</i> ) .....	221

VII	Outras do mesmo para Afonso Álvares ( <i>Pouca arte tens em nada</i> ) .....	223
VIII	Outras do mesmo para o Afonso Álvares ( <i>Quem de si mesmo é escuro</i> ) .....	231
IX	Outras ( <i>Não pode sem barbicacho</i> ).....	233
X	Reposta de Afonso Álvares a todas as que lhe fez o Chiado ( <i>Irregular fui na entrada</i> ) .....	235
XI	Chiado ( <i>Não posso fingir mentiras</i> ).....	243
XII	De frei António Ribeiro Chiado a Afonso Álvares, mulato que em Lisboa ensinava moços a escrever ( <i>Afonso Álvares amigo</i> ).....	245
XIII	Reposta de Afonso Álvares ( <i>Reverendo frei Chiado</i> ).....	249
XIV	Do Chiado ao mesmo mulato porque casou com a filha de Pedro Rombo, albardeiro em Lisboa ( <i>Tomaste o sogro Rombo</i> ).....	253
XV	Ao mesmo ( <i>Quem vive sempre às escuras</i> ) .....	255
XVI	Ao mesmo ( <i>Quão fora vossa mercê</i> ).....	257

\*

<i>Variantes</i> (Trovas) .....	259
<i>Glossário</i> .....	269
<i>Bibliografia</i> .....	287
<i>Fac-símiles</i> .....	303